

Impasses e perspectivas da continuidade do judaísmo no Brasil

Entrevista com Helena Lewin

Helena Lewin é graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Foi professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense e atualmente é professora visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Durante quase trinta anos realizou pesquisas sobre temática rural, das quais podem ser destacadas sua tese de doutoramento *Planejamento e Agricultura: o Nordeste e seu sertão* (1982) e a pesquisa sobre *Uma nova abordagem da questão da terra – o caso do MST em Campos dos Goytacazes (RJ)*, com a qual, junto com as demais colaboradoras, recebeu o prêmio Celso Furtado de Desenvolvimento Regional (FAPERJ), em 2002. Relativamente à temática judaica, realizou pesquisas sobre a comunidade judaica do Rio de Janeiro (*O desocultamento: o primeiro passo para entender a diferenciação; Identidade judaica: memória, cultura e história social dos judeus no Brasil do século XX; O controle da diferença: a comunidade judaica na visão da polícia política brasileira, o DOPs (1933-1983) e Poder político e a questão da etnicidade no Brasil – séculos XIX e XX*). Publicou diversos capítulos de livros nesta temática, tratando de identidade e cultura, as comunidades judaicas do Rio de Janeiro e de Portugal, os silêncios e omissões sobre o Holocausto nos livros didáticos, a visão dos judeus como estrangeiros, mulheres judias e a construção do 'diferente': o judeu nos arquivos secretos brasileiros. Realizou mais de 70 palestras ou conferências sobre assuntos judaicos.

A entrevistada participa também, como voluntária, da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Mulher, e tem uma larga atuação em trabalhos comunitários nas áreas de educação e cultura (pelos quais recebeu prêmios da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em 1994). Tem também uma forte atuação na comunidade judaica: foi diretora geral do colégio Sholem Aleichem do Rio de Janeiro (1972-1973), faz parte do Conselho pedagógico do Instituto ORT do Brasil e do Centro de História e Cultura Judaica (RJ), atua na Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro e promoveu cinco Encontros Brasileiros de Estudos Judaicos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sobre os quais organizou cinco coletâneas com os textos neles apresentados. Helena Lewin foi entrevistada pelos editores da WebMosaica em 20 de agosto de 2010, por ocasião de sua vinda a Porto Alegre para participar do Congresso da B'nai B'rith.

WebMosaica: O que você considera como identidade judaica?

Helena Lewin: Sou judia de cabeça e de coração e isso faz parte da minha identidade. A identidade é uma construção cultural realizada por cada sujeito individualmente, mas assentada no acervo coletivo ao qual pertence, contendo elementos de flexibilidade e interpretação que permitem variações decorrentes de sua inserção sócio-familiar e espaço-temporal. O acervo que integra a identidade judaica é passível de ser transmitido às gerações sucessivas e o sucesso dessa transmissão passa a ser o elo que amarra o passado ao futuro, cujo conteúdo não é necessariamente igual mas, certamente, semelhante. Contudo, faz-se necessário chamar atenção para o fato de que o acervo,

mesmo transmitido através do processo intergeracional, poderá não ser incorporado parcial ou totalmente quando da construção identitária do judeu como sujeito social. Isto porque sua transmissão de geração em geração não ocorre mecanicamente como um carimbo que se imprime em uma folha de papel. Dessa forma, a identidade não é uma marca genética, não garantindo, portanto, sua repetição intergeracional. Nós, brasileiros judeus ou judeus brasileiros, vivemos duas situações em que tentamos compatibilizar a cidadania e a identidade, considerando que vivemos em um país cuja sociedade organiza-se sobre o princípio de classes abertas, de teórica mobilidade social, e, como judeus, lutamos pelo direito de ser iguais e diferentes ao mesmo tempo: o igual equivalendo à cidadania e o diferente equivalendo ao direito à identidade. Esta é a postura dentro das sociedades abertas. Isso não quer dizer que não haja conflitos ou situações de antissemitismo no Brasil, mas o país é distinto de muitos outros: é democrático em termos amplos.

WebMosaica: Como você expressa sua identidade judaica?

Helena Lewin: Para começar, respeito tanto minhas origens como a educação que tive em minha casa. Em seguida, luto pela dignificação do judaísmo. Na minha vida profissional, cuja primeira escolha foi a área rural, fui aos poucos percebendo que profissionalmente (não apenas por uma questão pessoal, mas por uma questão de vida) eu poderia me dedicar profissionalmente ao judaísmo. A primeira coisa a fazer foi estudar. Não tive educação judaica formal e meu percurso educacional nesta área foi completamente autodidata. Li e aprendi muito. Quanto mais estudava, sentia cada vez mais prazer e ficava muito orgulhosa de me considerar judia. Por outro lado, considero que estudar o judaísmo e ficar com o conhecimento acumula-

do é um ato de egoísmo. Por isso, comecei a sentir necessidade de comunicar esses conhecimentos, aos judeus e aos não-judeus (ser judeu é também uma relação com não judeus, não apenas uma relação interna entre judeus). Aos poucos fui produzindo alguns textos, decorrentes desta aprendizagem tardia e procurei entender o funcionamento das estruturas comunitárias judaicas, a fim de me inserir nelas. Participei de várias instituições judaicas, entre as quais a Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro (FIERJ), na condição de presidente do Conselho Deliberativo e, em outra gestão, como Vice-presidente da FIERJ, e continuo militando no Conselho Consultivo. E aprendi muito nessa experiência. Aprendi alarmada com essa experiência!

WebMosaica: Você poderia explicar porque ficou alarmada com esta experiência?

Helena Lewin: Dei-me conta que a questão da participação é um ponto crucial na continuidade judaica. Todos nós sabemos que a continuidade judaica esteve sempre ameaçada, desde os tempos longevos, possivelmente de forma não tão radical como nos dias de hoje. As comunidades judaicas sempre se preocuparam com a transmissão dos conhecimentos judaicos para garantir a transferência intergeracional e, com isso, a continuidade. Porém todos esses processos de continuidade tiveram um preço muito alto em termos de vitimização judaica. Geralmente, as pessoas da comunidade judaica percebem que a continuidade está em perigo por conta dos casamentos interreligiosos. Em minha opinião, esses casamentos são consequência de uma situação anterior, caracterizada pela apatia, pelo afastamento e pelo desconhecimento do patrimônio judaico. Essa situação anterior, que pode ser classicamente explicada pela não participação, ao gerar a possibilidade de matrimônios interreligiosos – que são visíveis, vistos mais como causas do

que como consequência, acabam sendo rotulados como causas do perigo de descontinuidade, porque apresentam ampla visibilidade e são passíveis de contabilização estatística. Os números alarmantes de casamentos mistos, em todos os países do mundo, passam a ser exibidos como prova da assimilação. Comete-se um equívoco por parte das lideranças, pois há um falso entendimento da questão. Em outras palavras, os casamentos mistos são, simultaneamente, resultantes dos efeitos deletérios da assimilação que, por sua vez, atuam como causa derivada para o fortalecimento e expansão da assimilação já existente. O “casamento misto”, pelo fato de exibir visibilidade e possibilidade de ser contabilizado estatisticamente, tem levado, mais uma vez, a se confundir magnitudes com a essência do problema e assim o casamento misto passa a ser responsabilizado pela “morte judaica”. Deve-se entender a assimilação como um processo sutil de afastamento do seu “in-group” judaico, de maneira deliberada ou não; de atitudes de desinteresse e apatia em relação às questões comunitárias especificamente judaicas; de ignorância dos conhecimentos judaicos que constituem a superestrutura normativa, cognitiva, filosófica e religiosa do ser judeu; e a perda do significado de sua identidade singular, ou seja, de sua condição judaica. Lamentavelmente, tem se conferido pouca atenção à questão do Valor como ingrediente básico para a sobrevivência, identidade e continuidade judaicas.

WebMosaica: Você tem alguma ideia do que se pode fazer neste tipo de situação?

Helena Lewin: Várias podem ser as respostas, cada uma com seu grau de complexidade. Há desde aquelas alternativas que podem trabalhar com um chamamento mais intenso à participação, que é uma forma de consolidar e fortalecer as instituições judaicas no âmbito do coletivo, até aquelas

voltadas aos indivíduos, a cada um dos que estão afastados. Em minha opinião, esta talvez seja a mais difícil de realizar, que é trazer para dentro da comunidade aqueles que estão fora. Adicionalmente, é necessário avaliar o conteúdo judaico das escolas, a relação da comunidade judaica com seu entorno, para ser um partícipe pleno da sociedade brasileira e, sobretudo, a possibilidade de uma mudança de comportamento, transformando o judaísmo envergonhado num judaísmo orgulhoso, sem que isso signifique a exclusão do outro.

A modernidade, apesar de instituir a laicidade como um fator específico da sociedade global, traz como consequência a busca de realizações culturais de caráter particularista, como é possível exemplificar com as inúmeras manifestações regionais e locais na sociedade brasileira. São formas de resistência passiva ao grande surto de individualização, numa tentativa de significação, num mercado global. O significado da religião nesta sociedade globalizada, caracterizada por um renascimento religioso (*religious revival*) – de corte liberal ou de corte ortodoxo, cada um tendo seu público e suas mensagens específicas, é também um reflexo da busca do “nós”, em oposição ao “eu”. A única coisa que eu critico é o conflito entre as duas maneiras de expressar a religiosidade judaica, que acaba enfraquecendo a comunidade. Esses conflitos precisam ser resolvidos no âmbito da própria comunidade judaica. Para concluir a resposta a esta pergunta, apresento algumas perguntas que devem ser objeto da reflexão e análise: será que as jovens gerações estão efetivamente convencidas de que devem continuar o judaísmo de seus ancestrais? Que motivação as leva a optar ou não pelo caminho judaico? Até que ponto as famílias judaicas processam a socialização de sua descendência incorporando o judaísmo como um valor, como elemento primordial no elenco das transmissões

intergeracionais? Como o judaísmo é decodificado? Como uma fé religiosa ou como um compromisso histórico? Como uma herança ética e humanista ou como um saber singular que o define diferente e particularmente frente à tendência à universalização e padronização dos contextos em que estão inseridos?

WebMosaica: O que você critica na educação judaica e quais são suas propostas para a mudança nas escolas judaicas?

Helena Lewin: A escola judaica deve ser diferencial e portar um “plus”, ou seja, além da competência exigida no exercício das disciplinas do currículo oficial, deverá centrar-se pela adoção de uma metodologia pedagógica que combine simultaneamente a transmissão do conhecimento judaico de forma alegre mas não menos responsável e competente.

O comportamento da direção do estabelecimento escolar judaico deve pautar-se por adotar o princípio de igualdade entre o segmento de disciplinas judaicas e não-judaicas: igualdade de exigência, de premiação pelo desempenho docente e discente, de igualdade de importância acadêmica no procedimento didático e no papel do professor responsável. Em outras palavras, remuneração, plano de carreira, atualização e capacitação devem fazer parte dos objetivos de modernização dos conteúdos e de técnicas de transmissão. A diferenciação interna da escola entre os segmentos acima mencionados devem estar ancorada em base à igualdade de tratamento e status. Por outro lado, a mudança nas escolas judaicas só se fará se for em conjunto com a família. Enquanto a família apenas transfere seus filhos para uma escola de judeus, para que possam ter uma convivência com outras crianças judias, a escola dificilmente poderá garantir uma identidade judaica forte. Para isso, a própria família deve

se sentir judia e se converter em um forte aliado da transformação escolar judaica.

WebMosaica: Como se pode mudar a relação da comunidade judaica com seu entorno, para ser um partícipe da sociedade brasileira?

Helena Lewin: Estou trabalhando fora da comunidade judaica, num programa da B’nai B’rith, de Jornadas Interdisciplinares “Intolerância e Holocausto: como estudar e ensinar em sala de aula”. A partir da análise dos livros utilizados pelos professores, em que a questão do Holocausto, quando apresentada, é tratada de forma muito rasa, e considerando que o Holocausto é uma forma radical de intolerância, organizamos a cada ano as Jornadas Interdisciplinares, para apresentar e discutir com os professores dos ensinos fundamental e médio das escolas públicas uma capacitação em que professores e pesquisadores apresentam as temáticas, além de DVDs, filmes e depoimentos de sobreviventes. O projeto não se esgota nesta Jornada. Ele se desdobra em dois tipos de concursos – um para alunos e outro para professores, com temas previamente propostos pela Comissão Organizadora. Neste ano de 2010, introduzimos para o concurso de monografias para os professores uma premiação especial: será oferecida uma bolsa de estudos da Escola Internacional de Estudos sobre o Holocausto, do Yad Vashem de Jerusalém. Há quatro anos viemos realizando este projeto e temos dois mecanismos de avaliação: o número crescente de professores que se inscrevem voluntariamente junto à Secretaria de Educação, o que demonstra seu interesse; outro mecanismo de avaliação é o material que produzimos – cadernos de textos e distribuição de livros e outros materiais –, que são muito procurados pelos professores para utilizar em suas aulas; por fim, as fichas de avaliação, fei-

tas pelos participantes, que expressam seu contentamento em ter participado destes seminários.

WebMosaica: Você tem alguma proposta para a mudança de comportamento que possa transformar o que você chama de *judaísmo envergonhado* num *judaísmo orgulhoso*?

Helena Lewin: A modernidade introduz o conceito de múltiplas identidades que cada indivíduo é capaz de exibir em contraste flagrante com a sociedade tradicional na qual o sujeito é portador de uma sólida e única identidade. Pergunta-se: como organizar essas diferentes identidades de modo a compatibilizá-las dentro de um contexto de profundas contradições, característica da sociedade moderna? Tomando em conta as múltiplas possibilidades de identidades, pergunta-se: *“que equação o homem elabora para poder orientar-se em um mundo altamente dinâmico e mutante?”* Dependendo do cálculo que cada qual estabelece, é possível uma infinidade de respostas. Isto porque existe a possibilidade de alterar permanentemente os critérios de alocação das preferências e interesses na construção da identidade dominante, que passa a ser altamente móvel como é a sociedade moderna. Sendo as identidades fluidas e pouco sedimentadas, podem ser descartadas e substituídas por outra equação identitária cujo processo de construção é de responsabilidade individual, embora nunca dissociada da pressão e influência do ambiente social e cultural. Que grau de “sedução” ou de interesse os diferentes elementos exercem na escolha e na hie-

rarquização interna do “compósito identitário”?

A modernidade desfez os princípios da sacralização e da imutabilidade das estruturas sociais coletivas e introduziu um amplo leque de opções individualizadas que se expande continuamente. Assim como a sociedade moderna é plural, assim também a identidade de seus membros sofre desdobramentos, abarcando um número crescente de componentes – nem sempre pacificamente conviventes. Este fato também se aplica à identidade judaica que pós-Emancipação deixou de exibir sua condição de unicidade porque nela não se encontram mais fundidas ambas as vertentes étnico-históricas e religiosas que se separarão daí em diante.

A infinitude das possíveis mudanças torna o homem moderno mais liberado para lançar-se para o futuro e desfazer-se de um passado que considera um peso desnecessário para enfrentar o presente. E quanto mais liberado for este homem, tanto menos preocupado estará com as responsabilidades localistas ou particularistas de sua condição comunitária porque sua luta, neste momento, se insere na obtenção universal dos direitos humanos. A grande possibilidade de transformar o judaísmo envergonhado em um judaísmo orgulhoso está em função da capacidade de poder responder às questões e às perguntas que nós mesmos nos fazemos, todos os dias! E enquanto houver perguntas e interesse em respondê-las, haverá a possibilidade concreta de se afirmar um judaísmo passível de enfrentar suas adversidades, de cara limpa e com forte convencimento de sua crucialidade.